

Abordagem X – O Evangelho de Mateus (3)

O Evangelho de Mateus terá sido escrito em Antioquia, na Síria do século I, hoje Turquia, por um autor anónimo, que terá querido usar o pseudónimo de Mateus. Isto já foi esclarecido nas duas abordagens anteriores. Para esta abordagem X propomos-nos datar o Evangelho de Mateus.

Quando foi escrito o Evangelho de Mateus

1. O que dizia a tradição?

Até ao século XVIII, acreditava-se que o Evangelho de Mateus havia sido escrito pelo apóstolo Mateus, um dos 12 “pescados” pelo Mestre. Também, que havia sido o primeiro Evangelho a ser escrito. O Evangelho de Mateus era quase exclusivo (em muitas regiões de prática cristã era mesmo o único) a ser usado na liturgia. Havia a quase certeza que teria sido escrito por volta do ano 70 da nossa era, na Judeia. Hoje, porém, sabe-se muito mais e algumas certezas passaram a dúvidas. E as dúvidas merecem um trabalho árduo de investigação. E isso foi feito. Então, o que é que se sabe hoje sobre a datação do Evangelho de Mateus?

2. O que dizem hoje os estudos bíblicos modernos (a partir do século XX)?

A maioria dos exegetas propõem, como data para o Evangelho de Mateus, o início da década de 80. Para bem ler e perceber qualquer obra, seja literária ou outra, é fundamental saber a sua data de escrita. Com a Bíblia também é assim.

Encontremos, então, argumentação convincente para datar o Evangelho de Mateus.

Há duas circunstâncias históricas que levam a ponderar a década de 80 da nossa era:

1. A destruição da cidade de Jerusalém e do Templo pelos Romanos;
2. A separação entre judeus e cristãos.

Analisemos cada um dos argumentos com o máximo de abertura, clareza e convicção.

2.1.A destruição da cidade de Jerusalém e do Templo pelos Romanos.

A destruição da cidade de Jerusalém foi para os judeus um acontecimento traumático. Tanto mais que o desaparecimento da cidade de Jerusalém leva consigo a destruição do Templo. Decorre entre os anos 66 e 70 da nossa era. Foi resultado da invasão romana, como resposta a algumas reivindicações nacionalistas. E para os judeus que acreditavam que Deus “habitava” no Templo, dando-lhe o lugar mais importante – o Santo dos Santos, este acontecimento foi brutal.. Para os judeus, este lugar era indestrutível porque aí “habitava” Yhawah

Deixemos aqui uma nota de clarificação:

Para os judeus, o Templo (no sentido de edifício) era a Casa de Deus. Para os cristãos, a Igreja é a Casa do Povo de Deus. Deus habita o coração de cada homem ou mulher e não em qualquer casa-edifício. As diferenças são evidentes.

Pela leitura e análise interior do Evangelho de Mateus, percebe-se que o que nos conta no seu escrito aponta para uma visão já um pouco distante deste acontecimento. Depois, algum, pouco ou muito tempo, após os anos 70 em que a destruição se consumou e a invasão romana terminou.

Procuremos evidências.

De imediato, estejamos atentos a dois textos de Mateus:

- a) A parábola do convite para o banquete;
- b) A lamentação sobre Jerusalém.

Trabalhem os temas em 3 textos:

Centremo-nos para já no tema do convite para um banquete. Começemos pela parábola no Evangelho de Lucas, que poderá ser anterior ou pelo menos contemporânea da versão de Mateus.

Lc 14, 14-24

¹⁵Ouvindo isto, um dos convidados disse-lhe: «Feliz o que comer no banquete do Reino de Deus!» ¹⁶Ele respondeu-lhe: «Certo homem ia dar um grande banquete e fez muitos convites. ¹⁷À hora do banquete, mandou o seu servo dizer aos convidados: 'Vinde, já está tudo pronto.' ¹⁸Mas todos, unanimemente, começaram a esquivar-se. O primeiro disse: 'Comprei um terreno e preciso de ir vê-lo; peço-te que me dispenses.' ¹⁹Outro disse: 'Comprei cinco juntas de bois e tenho de ir experimentá-las; peço-te que me dispenses.' ²⁰E outro disse: 'Casei-me e, por isso, não posso ir.' ²¹O servo regressou e comunicou isto ao seu senhor. Então, o dono da casa, irritado, disse ao servo: 'Sai imediatamente às praças e às ruas da cidade e traz para aqui os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos.' ²²O servo voltou e disse-lhe: 'Senhor, está feito o que determinaste, e ainda há lugar.' ²³E o senhor disse ao servo: 'Sai pelos caminhos e azinhas e obriga-os a entrar, para que a minha casa fique cheia.' ²⁴Pois digo-vos que nenhum daqueles que foram convidados provará do meu banquete.»

Por análise interna do texto da parábola, percebe-se que esta parábola será a original. O argumentário de cada convidado (ver sublinhado) para escusar-se à aceitação do convite para o banquete é perfeitamente trivial. Numa cultura de pastorícia e de agricultura de subsistência, como era a da Palestina do I século, tudo é razoável no texto. E serve para depois se poder tirar as conclusões (alegorias) a que o evangelista queria chegar sobre a busca pelo Reino de Deus.

Passemos, agora, ao que encontramos no Evangelho de Mateus:

Mt 22, 1-14

¹Tendo Jesus recomeçado a falar em parábolas, disse-lhes: ²«O Reino do Céu é comparável a um rei que preparou um banquete nupcial para o seu filho. ³Mandou os servos chamar os convidados para as bodas, mas eles não quiseram comparecer. ⁴De novo mandou outros servos, ordenando-lhes: 'Dizei aos convidados: O meu banquete está pronto; abateram-se os meus bois e as minhas reses gordas; tudo está preparado. Vinde às bodas.' ⁵Mas eles, sem se importarem, foram um para o seu campo, outro para o seu negócio. ⁶Os restantes, apoderando-se dos servos, maltrataram-nos e mataram-nos. ⁷O rei ficou irado e enviou as suas tropas, que exterminaram aqueles assassinos e incendiaram a sua cidade. ⁸Disse, depois, aos servos: 'O banquete das núpcias está pronto, mas os convidados não eram dignos. ⁹Ide, pois, às saídas dos caminhos e convidai para as bodas todos quantos encontrardes.' ¹⁰Os servos, saindo pelos caminhos, reuniram todos aqueles que encontraram, maus e bons, e a sala do banquete encheu-se de convidados. ¹¹Quando o rei entrou para ver os convidados, viu um homem que não trazia o traje nupcial. ¹²E disse-lhe: 'Amigo, como entraste aqui sem o traje nupcial?' Mas ele emudeceu. ¹³O rei disse, então, aos servos: 'Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes.' ¹⁴Porque muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos.»

Aqui encontramos uma construção totalmente outra. Preparada para quem conhece e percebe a Torah, as profecias e o desejo de colocar Jesus como o Cristo/o Ungido/o Enviado.

Fala-se em:

- **banquete nupcial** (convém lembrar o conteúdo e o significado que tem para os judeus uma boda. É o lugar máximo da alegria e o sinónimo simbólico da aliança entre o Céu e a terra. Pensemos, também, no exemplo das bodas de Caná, em João, quando o sinal do evangelista assenta na vinda do Messias;

- **para o seu filho** – Todos os judeus cristianizados identificam de imediato este filho com Jesus de Nazaré;

- **Mandou... de novo mandou ...** Mateus quer referir-se, sem dúvida, aos enviados, aos discípulos, aos pregadores, aos portadores do convite para o banquete, para a chegada do Reino (Nota: Mateus fala em Reino dos Céus – é o único que não fala em Reino de Deus - pela simples razão que os judeus tinham dificuldade em nomear Deus, por entenderem que não tinham nome para Deus);

- **Os restantes, apoderando-se dos servos, maltrataram-nos e mataram-nos.** Aqui há morte para os que convidam, para os que anunciam o convite. Em Lucas, apenas se refere que os servos comunicaram as recusas ao senhor e nada mais se passa;

- **O rei (Senhor) zanga-se. Envia as suas tropas, mata os homicidas e lança fogo à cidade.** Mateus aproveita o episódio da guerra dos romanos que incendiaram e destruíram a cidade e o Templo. Só o escreve assim, porque conhece o que se passou. A partir daí procura uma alegoria para o que acontecerá aos que não ouvem, não seguem, o projeto de Deus.

Em resumo:

Mateus atualiza a parábola original, aludindo ao drama dos anos 66/70 e coloca na boca de Jesus como que a profecia da forma como os seus serão maltratados e mortos. Assinala-o através da destruição do Templo.

Só o poderia ter feito porque escreveu para além do ano 70 e depois de ter construído, sobre um facto histórico, uma catequese. É importante perceber que os autores escrevem sobre o seu tempo e não sobre o futuro, em jeito de adivinhação.

Vejamos outra passagem de Mateus:

Mt 23, 37-38

³⁷«**Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados!** Quantas vezes quis reunir os teus filhos como a galinha reúne os seus pintainhos sob as asas, e tu não quiseste! ³⁸**Pois bem, a vossa casa ficará deserta.**

Mateus só poderia escrever isto depois da destruição da cidade e do Templo.

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados!

Pois bem, a vossa casa ficará deserta.

Mateus descreve o que fizeram os romanos. Mais claro não poderia ser. E Mateus, desde Antioquia, teve conhecimento deste episódio. Usou-o para fazer uma catequese à sua comunidade – os judeus da diáspora que seguiram o projeto do nazareno. Estávamos para além do ano 70.

2.2. A separação entre judeus e cristãos

Aconteceu por volta do ano 80 d.C. a separação que dura até hoje entre judeus e cristãos. Vejamos o quando e o como.

Depois da morte de Jesus de Nazaré, por volta do ano 30 da nossa era, judeus e judeocristãos continuaram a viver em comunidades próximas, celebrando cada uns à sua maneira os seus ritos culturais, uns no Templo e nas sinagogas, outros só nas sinagogas. Ao lermos os Atos dos Apóstolos tudo isto é claro.

Com a destruição do Templo, por volta do ano 70 d. C., os judeus tiveram de repensar os seus ritos e o seu culto. Não mais era possível celebrar e visitar “Deus” na sua Casa – o Templo..

Porém, depois da destruição do Templo, sem local de destino para as peregrinações vindas de todos os lados onde existiam judeus fiéis, também desapareciam os sacerdotes, os escribas, o incenso que era queimado no Templo, etc. etc.. Os judeus sentiram-se numa encruzilhada para a celebração da Fé.

Estávamos em tempo de repensar o judaísmo sem Templo. Os fariseus sobreviventes, instalaram-se na cidade de Yamnia, a ocidente da Jerusalém destruída, e aí fundaram uma escola rabínica procurando criar as bases de uma nova identidade.

O novo centro da religiosidade dos judeus sobreviventes e não aderentes a Jesus de Nazaré passou a ser a Lei, a Torah, a Lei de Moisés. Diferentemente, o centro da religiosidade dos cristãos sempre foi a Palavra de Jesus, o novo Moisés. Esta opção dos judeocristãos e dos cristãos gentios era inaceitável para os judeus fiéis ao judaísmo. Assim nasce uma oposição insanável entre o rabinismo, o judaísmo rabínico, que veio até aos nossos dias com diferentes matizes, e o cristianismo.

Estávamos próximo dos anos 80 d. C.. Nasceram as escolas rabínicas que reivindicam para si as sinagogas como local de culto e delas expulsam os cristãos. Nasceram, também, por esta época e por necessidade um novo lugar de culto onde celebravam os cristãos – as Igrejas. Vem desde aqui a dificuldade que, ainda hoje, muitos cristãos sentem em distinguir a Igreja Viva (o coração de cada cristão) e a Casa da Igreja (a igreja edifício).

Em resumo:

- Por volta dos anos 80 dá-se a separação entre o judaísmo rabínico (centro na Lei) e o cristianismo (centro em Jesus);
- Começaram a surgir bastantes diferenças entre ambos os grupos;
- As sinagogas são centros de rito e culto dos judeus rabínicos, as igrejas dos cristãos.

E as coisas até foram mais longe.

No ano 80 da nossa era, o rabino Gamaliel II introduz, na reza judia, uma maldição contra os cristãos. Os judeus rezavam nas sinagogas uma oração chamada “As 18 bênçãos”. Gamaliel II introduz uma nova bênção, que afinal não era mais do que uma maldição. Passou a ser a 12ª bênção. Era a bênção “Birkat ha-minim (bênção contra os “minim” (cristãos)):

*“Que os caluniadores não tenham esperança;
Que os malvados sejam aniquilados;
Que os teus inimigos sejam destruídos;
Que caia a força do orgulho já, seja abatida, destruída e humilhada”*

Quem, sendo cristão, se sentaria agora na sinagoga para ouvir esta reza judia. Os cristãos deixaram de aparecer, o que fazia todo o sentido. A sua exclusão deste espaço estava traçada.

Não parece ser preciso muito mais para mostrar a radicalidade da nova escola rabínica e o seu distanciamento dos cristãos nesta época.

Aqui chegados, procuremos ver se estes episódios tiveram eco no Evangelho de Mateus. Se sim, é porque o anónimo Mateus não escreveu antes do acontecido. E estamos no início da década de 80 d.C.

E a resposta é sim. Quando Mateus fala das sinagogas, diz sempre “suas sinagogas” “sinagogas deles”. Ora Jesus nunca disse tal coisa. Mateus ao colocar na boca de Jesus estas palavras, só o poderia fazer num quadro diferente do vivido por Jesus de Nazaré e atento ao tempo, aos tempos, em que escrevia.

Ficam alguns exemplos:

Sobre a (s) sinagoga (s)

Mt 4, 23

²³*Depois, começou a percorrer toda a Galileia, ensinando nas suas sinagogas, proclamando o Evangelho do Reino e curando entre o povo todas as doenças e enfermidades.*

Mt 9, 36

³⁵*Jesus percorria as cidades e as aldeias, ensinando nas suas sinagogas, proclamando o Evangelho do Reino e curando todas as enfermidades e doenças.*

Mt 10, 17

¹⁷*Tende cuidado com os homens: não-de entregar-vos aos tribunais e açoitar-vos nas suas sinagogas;*

Mt 12, 9

⁹*Dali, dirigiu-se à sinagoga deles e entrou.*

Mt 13, 54

⁵⁴*Tendo chegado à sua terra, ensinava os habitantes na sinagoga deles, de modo que todos se enchiam de assombro e diziam: «De onde lhe vem esta sabedoria e o poder de fazer milagres?»*

Mt 23, 34

³⁴*Por causa disto, envio-vos profetas, sábios e doutores da Lei. Matareis e crucificareis alguns deles, açoitareis outros nas vossas sinagogas e haveis de persegui-los, de cidade em cidade.*

Sobre a Igreja:

Mt 16, 18

¹⁸*Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela.*

Mateus também faz incluir no seu Evangelho a forte tensão que se produziu entre os cristãos (de origem judaica) e os outros grupos de judeus que continuavam fiéis ao passado. Vejamos:

Mt 23, 13

¹³*Ai de vós, doutores da Lei e fariseus hipócritas, porque fechais aos homens o Reino do Céu! Nem entráis vós nem deixais entrar os que o querem fazer.*

Mt 23, 15

¹⁵*Ai de vós, doutores da Lei e fariseus hipócritas, que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito e, depois de o terdes seguro, fazeis dele um filho do inferno, duas vezes pior do que vós!*

Mt 23, 23

²³**Ai de vós, doutores da Lei e fariseus hipócritas,** porque pagais o dízimo da hortelã, do funcho e do cominho e desprezais o mais importante da Lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade! Devíeis praticar estas coisas, sem deixar aquelas.

Mt 23, 25

²⁵**Ai de vós, doutores da Lei e fariseus hipócritas,** porque limpais o exterior do copo e do prato, quando por dentro estão cheios de rapina e de iniquidade!

Mt 23, 27

²⁷**Ai de vós, doutores da Lei e fariseus hipócritas,** porque sois semelhantes a sepulcros caiados: formosos por fora, mas, por dentro, cheios de ossos de mortos e de toda a espécie de imundície!

Mt 23, 29

²⁹**Ai de vós, doutores da Lei e fariseus hipócritas,** que edificais sepulcros aos profetas e adornais os túmulos dos justos, ³⁰dizendo: 'Se tivéssemos vivido no tempo dos nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no sangue dos profetas!'

O que lemos acima não podem ser palavras de Jesus de Nazaré. Jesus pregava o amor e era pela proximidade, pelo amor sem reservas. O perdão orientava a sua pregação e vida. Desde o tempo de João Batista, Jesus de Nazaré trocou o ódio ou a cobrança do mal pelo amor, a perseguição pelo acolhimento, a ira pela oblação, etc. Jesus acolhia os fariseus e comia com eles o que lhe valeu muita má fama. Por tudo nisto, é fácil perceber que o que lemos acima do Evangelho de Mateus são palavras do evangelista em resultado do acontecido na altura em que estava a escrever e devia ser lema de ação para os seguidores do Mestre.

Conclusões:

O Evangelho de Mateus foi escrito depois do ano 70, talvez próximo do início da década de 80, pois:

- Já tinha acontecido a destruição de Jerusalém e do Templo (anos 66/70);
- Reflete e incorpora a rutura com as sinagogas;
- Reflete e incorpora a tensão entre judeus – ou judeus aderentes a Jesus e os outros;
- Terá sido escrito antes do ano 100, porque é citado pelo Bispo Ignácio de Antioquia que, como referimos na abordagem anterior, morreu no ano 107;

Uma observação final:

Mateus preocupou-se com dar ao Evangelho, à Boa Notícia, vida atual.

E teremos muito mais para mostrar sobre a mestria de Mateus em próximas abordagens

Passados 50 anos sobre os acontecimentos, Mateus atualizou, não alterando, o espírito da mensagem. Hoje deveríamos, também, todos, atualizar as Palavras do Mestre. Nunca ler a Palavra e entendê-la de forma literal. No século XXI precisamos da Boa Notícia para os nossos dias. Que a inspiração de Mateus nos oriente e ajude a dar “ar fresco” às Palavras do Enviado, do Ungido, do Ressuscitado.

(Continua)

Reflexão baseada em propostas de Ariel Álvarez Valdés

Apoio bibliográfico complementar:

Xavier Pikaza, Ariel Álvarez Valdés, José Maria Castillo, António Piñero, Timothy Radcliffe, Fray Marcos, James Martin, SJ, José António Pagola e D. António Couto

Citações:

Bíblia dos Capuchinhos

NOTA:

O conteúdo deste reflexão e de todas as anteriores, bem como os textos que as acompanham responsabilizam, unicamente, a administração da página da paróquia de Vilar de Andorinho.